

**18º Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)**

**Grupo de Trabalho 15: Sociologia Econômica –
Pluralismo de enfoques e inovação metodológica**

**Título do Trabalho: Para além da “racionalidade”: as transações econômicas
e emocionais do orçamento doméstico**

Autoras: Elaine da Silveira Leite¹

Tanise Brincker²

¹ É doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos e Professora de Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e do Programa de Pós-graduação em Sociologia (UFPel), coordenadora do GENS (Grupo de Estudos em Novas Sociologias - Econômica, Finanças e Família). E-mail: elaineleite10@gmail.com.

² É Mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: tanisebrincker@hotmail.com.

1. Introdução

Para além da racionalidade propalada pela economia *mainstream*, esta comunicação tem como objetivo apresentar os desafios metodológicos ao adentrar na intimidade das famílias e compreender as transações econômicas e emocionais que envolvem as tramas cotidianas da vida econômica e os mecanismos sociais da composição do orçamento doméstico.

A partir da realização de grupo focal com mulheres (com renda de 1 salário mínimo) casadas e separadas, foi possível observar o entrelaçamento de questões que misturam dinheiros (salários, ajudas, bônus) e emoções, emaranhadas por cálculos, contas da casa, compras, alimentos, presentes e recompensas, que apontam evidências sobre a constituição do orçamento doméstico, que é composto por agentes que discutem “racionalmente” as despesas.

Contudo, foi possível notar a presença de dispositivos culturais que estão em consonância com a ciência (androcêntrica) produzida pela economia, que servem como mecanismo reprodutor dos tradicionais papéis sociais. Neste sentido, observamos que as mulheres “ao representar” as contas do lar se baseiam no ideário tradicional e apontam o dinheiro do homem como o “grosso” das despesas da casa. No entanto, na prática, identificamos que o dinheiro “graúdo” do orçamento advém do esforço diário das “tradicionais” administradoras do lar. Assim, esta percepção só foi possível via a realização de grupo focal, no qual buscamos resgatar as histórias, as memórias e os sentimentos das mulheres no que tange falar sobre as rendas, as contas, as jornadas de trabalho e a intimidade.

Deste modo, este trabalho está dividido em duas partes principais; primeiramente, iremos discutir os desafios metodológicos para adentrar na intimidade das famílias, bem como as técnicas de pesquisa para compressão dos mecanismos sociais que constituem o orçamento; e em seguida, apresentaremos os dados da realização de um grupo focal com cinco mulheres de baixa renda, visando apontar a complexidade do orçamento no que tange, a questão de gênero, os modelos impostos culturalmente, as racionalidades e os dinheiros que compõem o orçamento familiar.

2. O orçamento doméstico, a intimidade e os desafios

Para em nosso senso comum, quando nos referimos ao orçamento doméstico, alguns modelos relacionados aos formatos característicos das famílias seja um modelo mais patriarcal, no qual o homem é o chefe da família e o principal provedor; ou mesmo, um modelo mais igualitário em que ambos os parceiros contribuem e dividem “racionalmente” as despesas do lar.

Recentemente, uma vertente de economistas passa a prescrever modelos de como deve ser pensado e seguido o orçamento doméstico, no qual desponta o mercado editorial de finanças pessoais, que adentra em nosso cotidiano via programas de tevê, aplicativos de celular e dicas em jornais e redes sociais (LEITE, 2016), que acabam naturalizando na prática a ideia de que o orçamento doméstico caminha, cada vez mais, para um modelo racional e até mesmo igualitário.

De acordo com Leite (2017), os orçamentos propalados como modelos por economistas e consultores financeiros expressam, literalmente, as leis naturais fundadoras da ciência econômica; no qual o orçamento se constitui como um modelo prescritivo comportamental para indivíduos e famílias que vem acompanhado de estatísticas gerais que passam a organizar via gráficos e índices a situação econômica, indicando o quanto (porcentagem de acordo com a renda) deve ser gasto (com despesas gerais como alimentação, educação, transporte, etc.) e o montante que deve ser poupado e/ou investido, com o intuito de assegurar um orçamento equilibrado e “saudável”.

Além disso, vale enfatizar de acordo com Leite (2017), de que somos “bombardeados” diariamente por inúmeras pesquisas, por exemplo, que apontam que os homens (ainda) ganham mais do que as mulheres³; isto é, tal artefato interfere subjetivamente e passamos a naturalizar a ideia de que é o salário “deles” que compõem o “grosso” do orçamento. Tais ocorrências podem funcionar em

³ De acordo com o IBGE – “Em 2015, 6,2% dos homens ocupados de 25 anos ou mais estavam em cargos de gerência ou direção, entre as mulheres, essa proporção era de 4,7%. A desigualdade salarial também é elevada, visto que as mulheres nesta posição recebiam, em média, 68,0% do rendimento médio dos homens”. Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias.html?view=noticia&id=1&idnoticia=3326&busca=1&t=sjs-2016-67-7-idosos-ocupados-comecaram-trabalhar-14-anos>. Comunicação Social 2 de Dezembro de 2016. Acesso em 10 de abril de 2017.

algumas famílias de determinadas classes sociais, mas não se constituem regras gerais de interpretação do orçamento nas sociedades contemporâneas (LEITE, 2017).

A idealização subjetiva do orçamento, portanto, enquadra os comportamentos sociais relacionados ao que cabe tradicionalmente ao homem e à mulher, e pode afetar a percepção do orçamento, retratando muitas vezes como as pessoas gostariam que fosse a composição do orçamento, do que realmente como ele é sustentado na prática (LEITE, 2017). Assim, os mecanismos sociais de sustentação do orçamento não são produtos estritamente racionalizados, além de fatores como classe social, escolaridade, entre outros, isto é, aspectos incorporados que compõem o *habitus* (cf. BOURDIEU, 2003) dos indivíduos, não podemos esquecer da situação cotidiana que marca a vida de famílias e indivíduos como emoções e impulsos, sentimentos e memórias, e atos de ajudas e recompensas que também afetam o orçamento, como veremos neste artigo.

Isto posto, os fatores elencados acima nos levam a refletir sobre os questionários (usados em pesquisas de larga escala) para o mapeamento e entendimento do orçamento familiar no Brasil, que desde a década de 1970, vem sendo realizado por institutos de pesquisa, por exemplo, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que, em síntese, consegue aferir mais uma percepção “prescritiva” do orçamento, composta por dispositivos culturais presentes na sociedade contemporânea (LEITE, 2017).

Em hipótese alguma temos o interesse de invalidar as pesquisas em larga escala de base quantitativa e conduzidas por questionários, mas sim buscamos desnaturalizar a percepção do orçamento doméstico e/ou familiar, que figura como um dispositivo, no qual é “dado de barato” que famílias de todas as classes sociais se reúnem e conversam sobre o orçamento, planejam, tomam notas e executam as metas previstas (LEITE, 2017).

Deste modo, as evidências deste trabalho são resultados de pesquisas⁴, que buscam desvelar o orçamento doméstico no âmbito da intimidade dos brasileiros,

⁴ Os dados apresentados sobre a dinâmica do grupo focal com mulheres de baixa renda compõem etapas do projeto de pesquisa: “Ressignificando a economia: da sociologia das práticas econômicas à sociologia fiscal no Brasil”, bem como, a dissertação “Entre o amor e o dinheiro: as tramas cotidianas das transações econômicas” de Tanise Brincker, os quais estão vinculados ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas.

apontando que na prática cotidiana, a constituição do orçamento doméstico não segue uma lei geral, já que não consiste apenas em modelos racionalizados e monetários; no dia a dia, dinheiro e intimidade fazem parte de uma série de negociações (cf. ZELIZER, 2011), cálculos e emoções; assim, para além do agir racional dos indivíduos, consideramos fatores que acabam influenciando a ação econômica como a cultura, os costumes e a moral (ZELIZER, 2003).

Tal empreitada, portanto, constitui o principal desafio do desenrolar de nossa pesquisa empírica que visa adentrar na intimidade das famílias para desvelar o orçamento doméstico. Isto é, se por um lado, apontamos brevemente que modelos naturalizados e prescritivos pairam sobre o senso comum, e que podem afetar a percepção da constituição do orçamento; por outro lado, temos que nos atentar para o fato de que o dinheiro constitui-se como tabu nas sociedades brasileiras (OLIVEN, 2001). Assim, o desenvolvimento da investigação foi marcado pelo desafio de como atingir nosso objetivo sem cair em armadilhas do senso comum e/ou sem nos deixar seduzir pelas modelos prescritivos, bem como pela percepção de que a base monetária é que sustenta o orçamento, o qual é reforçada pelas pesquisas em larga escala realizadas no país⁵.

A princípio, nosso primeiro desafio se iniciou na realização da pesquisa exploratória que tinha como público-alvo pessoas casadas ou que viviam juntas (em união estável); isto é, foi a partir desta etapa, que observamos certo desconforto das pessoas ao responderem questões que envolvem as contas da casa, como já mencionado, provavelmente, porque falar sobre dinheiro é uma questão considerada tabu. Assim, notamos que seria necessário seguir códigos sociais para falar sobre tal questão, ou seja, foi necessário atentar-se à ideia de

⁵ Vale destacar que foram feitos contatos com profissionais da área de contabilidade a fim de descobrir um pouco sobre a questão do planejamento orçamentário, dos rendimentos, e até mesmo do imposto de renda, e nessa seleção inicial foi realizado contato por e-mail com (3) três profissionais da cidade de Pelotas (RS), porém não se obteve sucesso. Desta forma, também consultamos profissionais da área de psicologia, mais especificamente, terapeutas de casais, a fim de compreender um pouco sobre como (e se) a questão financeira aparecia atrelada aos relacionamentos amorosos, bem como esse contato constituiu em uma porta de entrada para a aplicação dos questionários. Tendo isso em vista, foi feito contato por e-mail com uma terapeuta de casais explicando-se os objetivos da pesquisa, a qual demonstrou interesse e disponibilidade para uma entrevista. Diante de sua disponibilidade a entrevista com esta profissional também integrou os dados da pesquisa de Brincker (2017).

que é necessário saber como, para quem, e, em que momento podemos perguntar, por exemplo – quanto você ganha?⁶.

Entretanto, neste ponto, também notamos que via a aplicação dos questionários semiestruturados, os dados que produziríamos não iriam se “diferenciar” dos dados produzidos pelo IBGE, que por décadas foi o principal órgão produtor de informações sobre o orçamento familiar no país (LEITE, 2017). Isto é, de acordo com Leite (2017), ao realizar um histórico sobre as pesquisas do orçamento doméstico no país, retrata que os questionários das pesquisas em grande escala aplicados de forma direta e sistematizada, partem do princípio de que os entrevistados possuem as respostas elencadas “racionalmente” sobre o orçamento no momento em que são interpelados pela aplicação do inquérito (LEITE, 2017). Porém, é possível inferir, grosso modo, que é no momento em que as pessoas são abordadas pelos entrevistadores, que elas são estimuladas a recuperar em sua memória e refletir sobre tais situações que envolvem o orçamento no seu dia a dia; pois não se pode partir do pressuposto de que as famílias de todas as classes sociais tenham um comportamento padronizado, racional e possuam o controle das informações e valores das rendas e despesas (LEITE, 2017).

Deste modo, optamos pela realização de um grupo focal sobre a composição do orçamento. Conforme Teixeira et al. (2016), o grupo focal é uma técnica de pesquisa que tem como objetivo estimular a interação entre os participantes, e através do debate é possível alcançar e contrastar diversos pontos de vista facilitando a obtenção de informações em profundidade.

Antes de mais nada, cabe destacar que até o momento, para a realização do grupo focal foram realizadas duas tentativas. A princípio, optamos por abordar as pessoas via a aplicação de um questionário, que constituiu a parte exploratória, no qual constava um campo para que quem tivesse interesse deixasse seu contato, assim dos (37) trinta sete questionários respondidos no ano de 2016, (5) cinco

⁶ Por exemplo, notamos no desenrolar desta pesquisa exploratória que perguntar para aqueles que se dispuseram a participar da pesquisa – o quanto você ganha?. Soava invasivo, e, num primeiro momento tivemos que alterar a pergunta para faixas de salário mínimo, assim, como fazem os institutos de pesquisa. Deste modo, optamos para seguir a pesquisa via a realização de grupos focais, no qual elencamos alguns tópicos e, deixamos as pessoas falarem sobre o seu cotidiano referente as despesas, aos gastos, ao lazer, aos presentes, as recompensas.

peças deixaram seu e-mail disponível. Essas pessoas foram contatadas diretamente por e-mail para que participassem do grupo focal (BRINCKER, 2017). Chegando o dia agendado previamente, foram organizados os materiais necessários para a realização do grupo focal, entretanto, esperou-se cerca de uma hora após o horário agendado e ninguém apareceu. De acordo com Bourdieu (1996), alguns atos podem parecer em um primeiro momento “desinteressados”, mas sabemos que tal desinteresse, por exemplo, pode revelar como dinheiro e intimidade são questões tabus na sociedade brasileira.

Como a primeira tentativa de realização do grupo focal não foi efetivada, seguimos para uma segunda tentativa, a qual se concretizou. Durante a continuação da aplicação dos questionários em uma repartição pública federal, foram feitos contatos com algumas mulheres que demonstraram interesse em participar do grupo focal, esse convite foi reforçado pessoalmente, as quais aceitaram prontamente e mostraram-se motivadas para a atividade (BRINCKER, 2017). Assim, o grupo focal ocorreu no dia 01 de dezembro de 2016, e contou com a presença de (5) cinco mulheres⁷, tendo a duração de 2 horas. Aproximando-se do horário marcado, as participantes chegaram e foram recebidas, e assim que todas se acomodaram foram feitas as apresentações, esclarecendo-se os objetivos da pesquisa, além da entrega de etiquetas para que elas fossem identificadas como Entrevistada 1 (E1), Entrevistada 2 (E2), Entrevistada 3 (E3), Entrevistada 4 (E4), Entrevistada 5 (E5), explicou-se também que a identidade delas seria preservada. Aqui cabe destacar que uma das participantes (E3) mostrou-se bem aliviada em razão do anonimato.

Após essas considerações iniciais e explicações sobre a pesquisa, começou-se o diálogo, perguntando sobre a atual situação civil, e a partir daí seguimos para a discussão a partir de tópicos elaborados previamente. A seguir, elaboramos um quadro informativo sobre as participantes do grupo focal.

⁷ A escolha dessas participantes se deve a disponibilidade apresentada pelas mesmas para participarem do grupo focal.

QUADRO 1 - PERFIL DAS ENTREVISTADAS					
Entrevistadas	E1	E2	E3	E4	E5
Estado civil	Separada	Separada	Casada	Separada	Casada
Tempo União	-	9 anos	29 anos	9 anos	26 anos
Idade	26 anos	42 anos	62 anos	32 anos	43 anos
Filhos	2 filhos	3 filhos	2 filhos	2 filhos	2 filhos
Renda	1 salário mínimo	1 salário mínimo	1 salário mínimo	1 salário mínimo	1 salário mínimo

Fonte: Brincker (2017).

Destarte, visando atingir os objetivos propostos por esta pesquisa, consideramos que o grupo focal foi uma técnica importante para a coleta de dados, pois o mesmo possibilitou a compreensão de como os atores sociais se sentem e pensam sobre a temática em questão.

Passado o primeiro desafio, através da realização do grupo focal foi possível adentrar na intimidade de famílias e dar início ao processo de compreensão dos mecanismos sociais que sustentam o orçamento doméstico a partir de novos ângulos metodológicos e até mesmo epistemológicos. De maneira geral, os dados qualitativos da pesquisa realizada revelaram a necessidade de sistematizar as diversas racionalidades que compõem e sustentam os mecanismos sociais e principalmente culturais que moldam o orçamento doméstico em no dia a dia.

3. Os dinheiros que compõem o orçamento no cotidiano

Baseando-se na teoria de Zelizer (2003) sobre o significado social do dinheiro, no qual a autora afirma que “o dinheiro moderno é também cotidianamente diferenciado, devido não apenas a variações de quantidade, mas também as diversas qualidades que o particularizam” (2003, p.125). Utilizar-se-á para a análise de categorias, a ideia de dinheiros especiais, os quais segundo Zelizer (2003) são identificados através de normas e formas, até mesmo informais, que conduzem o seu uso. Tendo isso como parâmetro, foram selecionadas (5) cinco categorias de análise, nas quais foi possível detectar, via a realização do grupo focal, os significados e usos diferenciados do dinheiro por essas mulheres; assim

foram identificados: o dinheiro visual, o dinheiro doméstico, o dinheiro da gratificação, o dinheiro das ajudas, e o dinheiro da recompensa. Deste modo, tais categorias apresentam uma versão para a compreensão do orçamento doméstico a partir da percepção destas mulheres, que não seria possível captar via a aplicação de questionários estruturados, já que a realidade cotidiana, como veremos, é complexa, na qual racionalidades, cálculos, memórias, sonhos, emoções e sentimentos, e ajudas permeiam as subjetividades e afetam a constituição do orçamento.

A partir do desenvolvimento do grupo focal foi possível, portanto, observar o entrelaçamento de questões que misturam vários “dinheiros” (salários, ajudas, bônus) e emoções, emaranhadas por cálculos, contas, presentes e gratificações, que apontam que o orçamento é composto, a princípio, por agentes que tratam, “racionalmente” as despesas da casa, dessa forma, identificamos a categoria de “dinheiro visual”, que é constituída pelo dinheiro da carteira, das anotações dos gastos, dos carnês de compras, os quais representam um tipo de “moeda visual”, que simbolizam uma forma de controle dos gastos, como exemplificado nos casos abaixo:

E 1: Eu deixo um valor X. [...] Vai tanto pra um, tanto pra outro [...] o restante eu uso em casa, mas eu sempre deixo até o dia 15, até o dia 20 eu sempre tenho 200... 250 lá guardadinho, porque se falta alguma coisa, se precisa algum remédio, porque sempre tem, né? Sempre! [...] (os carnês). Eu deixo num caderno anotado por mês. Aí, todas as contas que eu tenho, eu boto os valores alí do lado, e prendo com cliques, as datas e prendo com um clipe alí junto, já de cada mês.

E 2: Sim, eu tenho tudo anotadinho. [...] Eu tenho, assim, como regra, eu nunca passo da metade do meu salário com outros gastos, tipo assim, se eu ganho mil eu gasto quinhentos, é aquilo alí, quando passo daquilo alí... Óh! Não posso mais gastar... [...] porque se eu precisar de um remédio, se eu precisar de qualquer outra coisa, né? Agora mesmo, eu tô pagando material da casa e tudo, mas se alguém fica doente?! [...] Sempre tem aquela emergência no mês, né?

E 5: Tudo anotado no caderno [...] Eu uso só um cartão, só o hiper, eu não tenho mais outro cartão, eu só uso o hiper, então, o hiper, eu compro em tudo, em tudo que é lugar, em qualquer loja ali, então, eu já sei a fatura quanto é, o que vai ter, eu junto cada coisinha e já anoto (os carnês) o meu é tudo na bolsa.

Isto é, por um lado vemos como as mulheres percebem e apresentam a gestão das suas contas organizadas em anotações “racionais”, antecipando gastos surpresas (aqueles imprevistos que podem ocorrer) e buscando seguir o que elas entendem como uma boa gestão do seu dinheiro.

Assim, seguimos para o entendimento do dinheiro “grosso” da casa, que é aquele direcionado para o pagamento das necessidades básicas como alimentação, energia elétrica e água, também conhecido como “dinheiro doméstico”. Nas palavras de Zelizer (2003, p.127), o dinheiro doméstico “constitui uma categoria específica de dinheiro no mundo moderno”, já que seus significados, usos, e quantidades são parcialmente determinados por considerações de eficiência econômica, porém, o dinheiro doméstico também está ligado às concepções culturais de dinheiro e de vida familiar, bem como às relações de poder, idade e gênero.

Deste modo, foi possível identificar através dos relatos das entrevistadas (que recebem atualmente um salário mínimo, mais benefícios), como elas se organizam em relação às principais despesas do lar, até mesmo porque 3 (três) dessas mulheres são atualmente chefes únicas do lar, já que estão separadas de seus companheiros.

Dessa forma, a E1 relata que atualmente mora com sua mãe (pois está separada), assim, hoje ela é a principal provedora do lar. Anteriormente, no início de seu relacionamento, ela conta que não trabalhava e as despesas da casa ficavam por conta de seu companheiro, porém, quando começou a trabalhar os gastos passaram a ser divididos: *“E 1: Eu no início era tudo com ele. Aí, depois, eu comecei a trabalhar, e aí, eu ajudava, era tudo dividido, tudo que a gente comprava era tudo meio a meio, tudo dividido, ajuda na luz, tudo”*.

A E2 (está separada e reside com sua mãe) informa que trabalha desde os seus 16 anos de idade. Quando morava junto com seu companheiro, o seu salário era direcionado mais para as necessidades dos filhos, e o do seu cônjuge para o sustento da casa; entretanto, como ele era autônomo, tal dinheiro não era frequente. O trecho abaixo elucida a percepção de que o marido era o provedor, entretanto, em sua fala vemos o direcionamento de praticamente todo o salário (da E2) para as despesas com a casa ou com os filhos:

E 2: Eu trabalhava, mas era só pra mim e pras gurias, e a casa era com ele! A luz que eu pagava, mas tipo o sustento da casa era com ele. [...] comigo era só roupa pras crianças, material escolar essas coisas e tal. [...] ele sempre foi assim, ele era a casa, e eu as outras coisas, como eu trabalhava com carteira assinada, e ele era autônomo, tinha aquele tempo que ele não tinha serviço, aí, naquele mês eu bancava, aí, no outro mês era ele, agora eu estou trabalhando, agora é comigo! Sempre foi assim, enquanto a gente morou junto, sempre foi assim.

A E3, apresentou um relato bastante interessante, pois em seu caso, houve uma inversão referente ao sustento da casa, no início do relacionamento era ela quem pagava todas as contas da casa, situação essa que ela considera incomum. Hoje, ela retrata que essa condição mudou e que seu marido ajuda a pagar as contas da casa, essa mudança ocorreu principalmente depois da saída dos filhos de casa.

E3: Eu pagava comida, os remédios, e água, e a luz, e toda conta era eu, e o leite também, então, ele não fazia nada com o dinheiro dele! Agora não, agora ele paga luz, e água, e compra carne, se ele quiser comer bastante carne. [Pergunta: E porque que isso mudou?]. Porque eu me revoltei, porque ele disse que eu gastava muito, e que eu nunca tinha dinheiro, e aí eu disse pra ele: - tu sabe quanto eu ganho? É um salário mínimo que eu ganho, e eu tenho que fazer meus bicos pra mim ganhar dois quando muito; e, aí, quando eu tenho que pagar tudo isso, e não tenho dinheiro, eu tenho que fazer empréstimo! Não é que eu ganho tanto... tu que acha que eu ganho tanto assim. Então eu comecei agora. Agora que as crianças cresceram, quando as crianças eram pequenas e dependiam de mim eu dava tudo, né? E, nunca reclamei por causa das crianças, agora um está com 29, e outro com 19, cada um tem seu serviço, sua vida. Agora, eu me revoltei!

A E4, na época da união não trabalhava fora, porém fazia o papel de administradora do lar, desse modo, o salário do seu marido era repassado para ela que era responsável pela contabilidade da casa. Atualmente, E4 encontra-se divorciada e reside com sua mãe.

Entrevistada 4: Eu quando, eu fui casada, eu não trabalhei, nunca trabalhei, mas eu administrei! Tanto que desde que eu me separei, eu não senti tanta diferença em saber levar, que sempre assim, ele trabalhava, ele sempre me dava o dinheiro, e eu que sempre pagava as contas, eu que ia no super, as vezes até quando ele ia pegar uma coisa, eu dizia: - não pega porque é muito caro! Aí, ele

dizia: - eu trabalhando, não posso comprar? Não, não pode, porque esse daí é muito caro!

Com a E5, o “grosso” da casa fica sob responsabilidade do marido, e os demais gastos por sua conta, no caso dela contabiliza-se também o salário de sua filha mais velha, a qual já trabalha fora.

E5: Eu me lembro até agora! Eu no começo, meio, até agora era tudo com ele... tudo, tudo mesmo, eu não pago nada, não pago luz, eu não pago nada, mas também, eu compro, assim, as coisas, tudo que eu quero pra dentro da minha casa. Ele não compra essas coisas, ele não compra televisão, é, até que ele compra alguma coisa, mas ele não compra assim nada de móveis, tudo é comigo... porque eu gosto! Agora as contas é tudo com ele, rancho⁸, tudo! Aí o resto,... cerveja é comigo...carne...[...] ele nunca falou: - ah!, tu vai ter que pagar água, tu vai ter que pagar a luz, não! Mas, também as minhas filhas quem gosta de vestir, sou eu. Gosto de comprar as coisas pra elas, eu compro, agora tem uma de 24 que é ela que faz, ela tá trabalhando então... nem me envolvo mais na vida dela assim, ela que compra as coisinhas dela. Aí, eu fico só com a minha de 17 que eu dou as coisas pra ela.

Conforme os relatos acima, percebe-se que o “dinheiro doméstico” atua como um tipo de dinheiro especial, o qual recebe designações específicas, ou seja, são as próprias pessoas envolvidas na relação que realizam um “trabalho relacional” e definem o que é ou não aceitável com relação ao dinheiro doméstico, construindo assim normas, barreiras e limites quanto a sua administração (ZELIZER, 2003). Entretanto, se as contas da casa como a conta de energia, de água e da compra mensal do supermercado são de responsabilidade do marido, as demais despesas e os gastos com os filhos que podem até serem consideradas como “supérfluas”, mas essenciais para a casa, advém de seus salários e da administração e controle do dinheiro para o pagamento das contas.

Dessa forma, a categoria “dinheiro doméstico”, nos ajuda na compreensão do orçamento, ou seja, através dos relatos foi possível identificar que são estabelecidos acordos (mesmo que subjetivamente), os quais determinam quem deve pagar, e o que deve ser pago. Até o exposto aqui, já podemos notar, na

⁸ A expressão “rancho” no Rio Grande do Sul significa as compras do mês no supermercado.

prática, a importância do dinheiro destas mulheres na composição do orçamento; entretanto, pelas falas vemos como elas parecem, de certo modo, “enaltecer” o dinheiro do marido, e ao mesmo tempo, justificar o uso do dinheiro delas como algo secundário, mas como vimos seus rendimentos são fundamentais para o dia a dia da casa.

Soma-se, assim, a categoria do dinheiro doméstico, o “dinheiro da gratificação”, que é aquele que não faz parte habitual do rendimento das entrevistadas, o qual é identificado, por exemplo, como dinheiro do décimo terceiro e do cartão alimentação, pois os mesmos não fazem parte (visual) do salário mensal, mas constituem uma espécie de bônus, recebendo assim uma significação diversa do salário⁹.

O dinheiro do décimo terceiro tem um simbolismo peculiar para as entrevistadas, isso porque, esse dinheiro da gratificação, acaba sendo direcionado para as festividades do Natal, como por exemplo, para comprar aquele presente especial para os filhos, assim como antecipar o pagamento de dívidas, o que não seria possível apenas com a remuneração mensal. Vale exemplificar com a seguinte fala: *“(E2): Na minha época de pequena era diferente, né?... A minha mãe e meu pai não tinham... e nem tudo o que eu queria ter, eu tinha, até uma boneca era difícil assim, né? Então, hoje é mais fácil, tudo que eu posso dar pra eles, eu dou... a minha 1ª parcela do décimo é só pra isso”*.

Aqui a importância da memória em relação ao poder de compra dos pais referente às festividades, em que na época da infância não foi possível ganhar aquele presente, mas hoje, em especial, via o “dinheiro da gratificação”, o desejo dos filhos acaba sendo a prioridade. Tal ponto, demonstra, portanto, que a “racionalidade” está emaranhada com as dinâmicas do dia a dia. As emoções, as memórias e os sentimentos dessas mulheres afetam o planejamento do dinheiro, em especial “o dinheiro da gratificação”, que é utilizado para atenderem os desejos atuais de seus filhos, e que não foi possível na época em que eram filhas.

⁹ Cabe ressaltar, que o grupo focal foi realizado no dia 1 de dezembro, e que o clima era de entusiasmo entre as entrevistadas, pois tinham acabado de receber o vale refeição e a segunda parte do décimo terceiro, por essa razão estavam bastante felizes e planejando o que seria feito com este “bônus”.

O “dinheiro das ajudas” categoria identificada na fala das entrevistadas é aquele que envolve todos os trabalhos de cuidado, e que nas palavras de Zelizer (2012, p.380) possui uma definição mais precisa, como aquele “oriundo principalmente das atividades de cuidado não remunerado”, conforme identificado nos trechos abaixo:

E1: Hoje em dia, a minha mãe me ajuda; aí, eu faço a janta né? Eu dou banho nas crianças, boto a roupa na máquina; aí, no outro dia, ela só põe na corda pra mim, eu arrumo a casa, então, hoje em dia é assim.

E2: Eu, lá em casa, a mãe mora junto, né? Então, eu faço a janta, deixo a louça limpa, lavo as roupas, quando eu chego. Aí, no outro dia, a mãe bota na corda. As minhas meninas são pequenas, a mais velha é um pouco preguiçosa, uns 90%, mas faz alguma coisa, mas é eu e a mãe.

E4: Eu morava com a minha mãe, depois fui morar com ele, só dobrei a rua, porque era na mesma rua, e agora moro com a minha mãe de novo, ela ajuda com as crianças, e, ela está desempregada, as contas ficam todas comigo, eu que seguro as pontas ali, de tudo, tô na função de arrumar a casa, trocar telhado, troca porta, troca piso, mas, é tudo eu sozinha... assim.

Entrevistada 5: Eu tenho as minhas meninas, né? E, elas fazem tudo! Nessa hora, já está arrumado meu quarto, a outra já arrumou o quarto dela, já deve estar tudo limpo lá em cima, é que a mais velha sai mais ou menos a essa hora, aí, então, ela já deixa o quarto dela impecável e já aproveita e arruma o meu, arruma o banheiro lá de cima. A outra deve até estar acordada ou se acordando, se bem que essa hora, deve estar dormindo ainda... mas, ela arruma o quarto dela, deixa tudo arrumadinho. Aí, agora a outra vai, acorda, essa, quer dizer chama, porque ela não vai se acordar. Aí, ela desce e organiza toda a cozinha lá em baixo, deixa tudo organizado.

Por meio dos relatos, percebemos que o “dinheiro das ajudas” é fundamental para as entrevistadas, principalmente, para a E1, a E2 e a E4, as quais se separaram, possuem filhos pequenos e voltaram a residir com suas mães. Dessa forma, o “dinheiro das ajudas” é identificado aqui como uma importante moeda doméstica, uma vez que essas mulheres passaram a residir com suas mães, elas também contribuem com o sustento da casa, ao mesmo tempo, em que recebem a ajuda de suas mães tanto para as tarefas domésticas, como também para o

cuidado direto com os netos. No caso da E5 (casada), a ajuda vem de suas filhas; assim, as famílias combinam uma extensa gama de atividades que envolvem o cuidado com os filhos, com as atividades doméstica e com a organização e limpeza da casa.

Por conseguinte, o “dinheiro da recompensa”, identificado na fala das entrevistadas através do consumo de itens como comidas (guloseimas), bijuterias e cosméticos, os quais são utilizados como uma forma de “recompensa” pela (exaustiva) rotina de trabalho, servindo até mesmo como uma espécie de motivação para essas mulheres, o que é bastante visível, principalmente nos trechos: “E4: *Eu vendo Natura e Avon¹⁰, eu poupava nisso também, eu ficava me poupando, mas eu penso, eu trabalho um monte também, e se eu parar pra pensar, eu também, tenho que cuidar um pouco de mim*”; “E2: *Aqui vendem de tudo, Avon, Natura, lingerie... [...] Lingerie, eu vendo também, pra ganhar um dinheirinho a mais, aqui tem de tudo, é um shopping. [...] Tem de tudo que se imagina, só não tem comida, senão a gente ia tá devendo até as calças*”.

Desse modo, o consumo de tais itens é justificado por essas mulheres como uma forma de compensação em face à rotina de trabalho; entretanto, identificamos que tal recompensa, no caso da E2 e E4, não vem do dinheiro de seu salário. Além da jornada de trabalho, também adicionam em seu orçamento, dinheiros da venda de cosméticos e demais produtos que demandam uma consultora para a revenda. Aqui vale destacar que o dinheiro da revenda de produtos não foi apontado por elas como renda; assim sendo, foi através da dinâmica do grupo focal, que descobrimos que elas (E2 e E4) também fazem revenda de produtos, bem como fazem dessa moeda o “dinheiro da recompensa”.

De acordo com Campbell (2006), podemos inferir que o consumo da recompensa deriva da busca de prazer, ou seja, ele não é motivado apenas por benefícios funcionais e técnicos, mas principalmente pela vontade das pessoas em vivenciar uma emoção através do consumo. A forma com que as pessoas lidam com o dinheiro está estritamente ligada ao emocional, pois sua relação com as

¹⁰ Em alguns momentos da entrevista notou-se que além do trabalho, a renda das mulheres é complementada pela venda de outros produtos.

finanças acaba produzindo muitos sentimentos como alegrias, satisfação, medo, frustrações, ansiedade entre outros.

Como vimos, a composição do orçamento no cotidiano é complexa, vivenciada por momentos em que se discute abertamente as contas, os gastos, etc., bem como é permeada por situação em que o orçamento é sustentado por subjetividades. Um dos casos mais emblemáticos foi apontado pela E3, descrito logo abaixo, a qual pegou o dinheiro escondido do marido (da venda de uma motocicleta) e comprou móveis para a casa, pois, de acordo com a sua justificativa, ele estava gastando o dinheiro sem prestar-lhe nenhuma satisfação.

E3: Ele vendeu uma moto por 5 mil, uma vez..., e só disse que vendeu a moto...tá, mas aí, eu digo vendeu a moto e cadê o dinheiro? Aí, um dia fui fazer uma arrumação no guarda-roupa, achei os 5 mil dentro do guarda-roupa, e aí, deixei passar uns dias, né? Que tava 5 mil ali, aí passou uns dias e tava 3 mil e quinhentos, e ele não comprou nada pra casa, nada, nada, nada, era só churrasco e cerveja com os amigos. Aí peguei 500 reais, dei 50 reais pra minha filha e disse: - compra o que tu quiser com 50 reais, vai pro centro. Porque 100 pila era dinheiro, e ela foi e comprou as coisinhas dela, e, eu fui pro centro e comprei uma beliche, paguei a vista, e, os colchão, eu paguei a prestação, o colchão era mais barato a prestação, nunca ele soube que foi ele que deu aqueles móveis pra casa...nem fala. [...] ele tá gastando sem comprar nada, nem sabe e nem falta achou... Que raiva que me deu.

Através dos relatos descritos acima, é possível perceber que as ações dos indivíduos não são pautadas apenas por um “agir racional”, e entre cálculos e emoções está o não diálogo, vinculado ao que cada parceiro acredita ser o “melhor” destino para o dinheiro; assim, vemos que as práticas econômicas diárias ocorrem entrelaçadas com sentimentos, memórias, emoções e são bastante complexas, isto é, não é possível esboçar um modelo único, uma vez que, os dinheiros, as expectativas, as memórias, as gratificações e as recompensas perfazem a dinâmica do orçamento de casais e famílias. (ZELIZER, 2003).

Para Zelizer (2011), os agentes envolvidos nas relações (casados, familiares e até mesmo desconhecidos) definem e regulam de diversas maneiras seus dinheiros seja em termos objetivos ou mesmo subjetivamente. Neste sentido, Motta (2016), a partir de uma etnografia da economia no dia-a-dia de famílias, com o

objetivo de desafiar a ortodoxia econômica, nos ajuda a entender as dinâmicas entre práticas econômicas, família e cotidiano, no qual retrata a importância das mulheres na construção e transformação do espaço da casa; já que em nosso caso, vemos a relevância da administração do dinheiro pelas entrevistadas para melhorias no que tange o âmbito da casa e o conforto dos filhos.

Por esse motivo, Zelizer (2003) afirma que nem todos os dinheiros são fungíveis, ou seja, nem todos os dinheiros são iguais, uma vez que, ao utilizarmos o dinheiro personalizamos e acabamos separando-o em categorias distintas. Dentro dos relacionamentos amorosos é frequente a demarcação do dinheiro do homem com relação ao da mulher, existindo expectativas e obrigações diferenciadas que determinam o destino do dinheiro (ZELIZER, 2003).

De acordo com Guérin (2002), a moeda é resultado de uma construção social da qual tem uma dimensão de gênero, isto é, homens e mulheres diferenciam os usos da moeda, e isso pode ser consequência de uma forma de preservar a divisão sexual dos papéis e das responsabilidades culturalmente construídas pela sociedade.

O desafio desta pesquisa foi compreender a composição social do orçamento, sem cair na sedução dos modelos prescritivos, bem como ir para além da idealização subjetiva, que enquadra os comportamentos sociais relacionados ao que cabe tradicionalmente ao homem e à mulher, e afeta a percepção do orçamento, retratando muitas vezes como as pessoas gostariam que fosse a composição do orçamento, do que realmente como ele é sustentado na prática (LEITE, 2017).

4. Breves considerações

Por meio do grupo focal foi possível adentrarmos na intimidade de cinco famílias; assim, constatamos que o orçamento não pode ser visto apenas como uma questão monetária e estatística, já que de acordo com os dados da pesquisa realizada com mulheres, foi possível observar que as famílias adicionam em seu orçamento diversas moedas, por exemplo, a visual, as gratificações, as ajudas e as recompensas.

Assim, via a realização do grupo focal, notamos a presença de dispositivos culturais ao observar que as mulheres ao representar as contas da casa (como pagamento de água, luz e supermercado) se baseiam no ideário tradicional e, apontam o dinheiro do homem/marido como o “grosso” das despesas da casa, no qual foram recorrentes expressões como: – “*O pai delas até agora tava me dando, mas ele é meio de lua. [...]*”; ou, “*Agora ele até ajuda, mas antes não ajudava*”. Assim, os exemplos, elucidam que na prática, o dinheiro “graúdo” do orçamento advém do esforço diário destas mulheres, no qual soma-se o salário, os bônus, as gratificações, as ajudas, o trabalho doméstico e a administração e organização das contas e despesas do lar.

O dinheiro possui significado social (cf. ZELIZER, 2003) e atribuímos a ele, não apenas significados quantitativos, mas também, qualitativos e, portanto, nem todas as moedas que compõem o orçamento devem ser vistas pelo aspecto monetário, no caso, “as ajudas” (o cuidado não remunerado), o trabalho doméstico e a própria administração e controle do uso do dinheiro são fundamentais, representando moedas importantes para o orçamento. Isto posto, compreender como se constitui o orçamento no dia-a-dia de indivíduos e famílias, para além de sua dimensão puramente técnica, econômica e prescritiva é um grande desafio sociológico, pois envolve relações de poder, *habitus* e crenças compartilhadas.

Referências

BOURDIEU, P. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papius, 1996.

_____. A formação do *habitus* econômico. **Revista Sociologia**, 2003.

BRINCKER, T. **Entre o amor e o dinheiro: as tramas cotidianas das transações econômicas**. Dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas, 2017.

CAMPBELL, Colin. **Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno**. In: BARBOSA, Livia & CAMPBELL, Colin (org). Consumo, cultura e identidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CARRUTHERS, B. G.; ESPELAND W. N. Accounting for Rationality: Double-Entry Bookkeeping and the Rhetoric of Economic Rationality. **American Journal of Sociology**, v. 97, n. 1, 1991.

DOUGLAS, M. **Como as instituições pensam**. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Edusp, 1998.

GUÉRIN, I. Le sexe de le la monnaie. **Le Journal des Anthropologues**, n. 90-91, p. 213-230, 2002.

HIRSCH, P; MICHAELS, S; FRIEDMAN, R. 'Dirty hands' versus 'Clean Models': Is Sociology in Danger of Being Seduced by Economics? **Theory and Society**, v. 16; n.3, p. 317-336, 1987.

LEITE, E. S. Entre a economia e a crítica feminista da “racionalidade”: um esboço dos cursos de economia doméstica no Brasil. **Política & Sociedade** (Online), v. 15, p. 254-281, 2016.

LEITE, E. S; BRINCKER, T. Para além da “racionalidade”: as transações econômicas e emocionais do orçamento doméstico. **Anais do 18º Congresso Brasileiro de Sociologia (SBS)**. Brasília, DF, 2017 (no prelo).

MOTTA, E. Casas e economia cotidiana. In: Rute Imanishi Rodrigues. (Org.). **Vida social e política nas favelas: pesquisas de campo no Complexo do Alemão**. 1ed. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, 2016, p.197-214.

OLIVEN, R. G. De olho no dinheiro nos Estados Unidos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 27, 2001.

PAULI, J.; LEITE, E. S.; ROSENFELD, C. L. Entre o oikos e a firma: a influência do crédito na transição socioeconômica da agricultura familiar brasileira. **Estudos Sociedade e Agricultura** (UFRRJ), v. 24, p. 28-42, 2016.

RAMOS, A. G. **Sociologia do Orçamento Familiar**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

ROBERTS, E. Household budget studies in the British dominions, 1873-1939, HHB. **Working Paper Series**, n. 2, Jun. 2016.

TEIXEIRA, A. N.; TAVARES DOS SANTOS, J. V. T.; PIMENTA, M. M.; FACHINETTO, R. F. **Grupos Focais e Análise Qualitativa em Equipe com o Uso do NVivo**: Aplicações a Partir de uma Pesquisa com Mulheres Policiais. In: Pedro Robertt; Carla M. Rech; Pedro Lisdero; Rochele Fellini Fachinetto (Orgs.). (Org.). **Metodologia em Ciências Sociais Hoje?** Volume 2. 176ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, v. 2, p. 1-147.

ZELIZER, V. O Significado social do dinheiro – “dinheiros especiais”. In: **A Nova Sociologia Econômica: uma antologia**, org. Rafael Marques e João Peixoto. Celta Editora, Oeiras. p. 125-165, 2003.

_____. **A negociação da intimidade**. Coleção Sociologia. Tradução de Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **A economia do care**. Civitas - Revista de Ciências Sociais, Vol. 10, nº 03, p. 376-391, 2012.

ZIMMERMAN, C. Family budget as a tool for sociological analysis, **American Journal of Sociology**, 33, p. 901-911, 1936.